



Sujeito pronominal expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB)

Overt and Null pronominal subject in the beginning of the 21st century (and their relation to the null object in BP)

Gabriel de Ávila Othero*

Ana Carolina Spinelli**

RESUMO: Neste artigo, investigamos a ocorrência de sujeitos nulos e pronominais expressos em duas peças teatrais recentes, tendo dois objetivos em mente: (i) dar continuidade, de certa maneira, ao trabalho pioneiro de Duarte (1993, 1995) sobre o preenchimento de sujeitos pronominais em PB; e (ii) aplicar a hipótese do gênero semântico (de Creus & Menuzzi 2004) à análise, justamente, dos sujeitos pronominais nessas peças. Confirmamos a hipótese antecipada em Duarte (1993, 1995) de que o PB estaria favorecendo o preenchimento de sujeitos pronominais (aproximando-se, portanto, de uma língua *pro-drop*). E apontamos para uma direção ainda não investigada na literatura sobre o assunto: os sujeitos pronominais preenchidos preferencialmente retomam (ou se referem a) referentes com gênero semântico expresso, o que sugere que o gênero semântico pode ser, de fato, um traço relevante para o favorecimento do pronome em PB, tanto para o objeto direto anafórico (como mostram alguns trabalhos recentes na literatura), como para o sujeito pronominal (como esboçamos aqui).

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito expresso. Sujeito nulo. Pronomes. Gramática do português brasileiro.

ABSTRACT: In this article, we investigate the occurrence of null and overt pronominal subjects in two recent theater plays. Our investigations present two main goals: (i) to continue, so to speak, the pioneering work of Duarte (1993, 1995) on overt pronominal subjects in BP; and (ii) to test the semantic gender hypothesis genre (by Creus & Menuzzi 2004), applying it to the analysis of pronominal subjects in our corpus. We confirmed the hypothesis anticipated in Duarte (1993, 1995) that BP favors overt pronominal subjects (in the fashion of a *pro-drop* language). And we also point to a direction not yet investigated in the literature: overt pronominal subjects preferentially refer to referents or antecedents with semantic gender, which suggests that this feature may indeed be a relevant factor favoring the overt pronoun in BP, both for the direct anaphoric object (as recent works in the literature show), and for the pronominal subject (as we outline here).

KEYWORDS: Overt subject. Null subject. Pronouns. Brazilian Portuguese grammar.

* Professor Adjunto no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. gabriel.othero@ufrgs.br

** Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. ana.carolina.spinelli@gmail.com

1. Introdução e objetivos¹

Muitos trabalhos (recentes e já pioneiros) têm apontado para o fato de o português brasileiro (PB) estar passando por uma mudança entre deixar de ser uma língua *+pro-drop* (i.e. uma língua que permite orações com sujeitos foneticamente nulos) para ser uma língua *-pro-drop* (i.e. uma língua que exige a presença de um sujeito foneticamente preenchido, seja um elemento que desempenhe a “função de sujeito”, seja um elemento que esteja apenas ocupando a posição de [Spec, TP], ou, de maneira mais abrangente, a periferia esquerda do sintagma verbal); alternativamente, outros trabalhos entendem que o PB contemporâneo é uma língua de sujeito nulo parcial² – cf., entre outros, Duarte (1993, 1995, 2012), Figueiredo Silva (1996), Kato (1999), Avelar e Cyrino (2008), Buthers (2009), Buthers e Duarte (2012), Costa, Rodrigues e Augusto (2012), Duarte e Figueiredo Silva (2016), Quarezemin e Cardinaletti (2017)³.

O primeiro trabalho a apontar esse fenômeno em PB foi, provavelmente, Tarallo (1983). Entretanto, foi Duarte (1993, 1995) quem primeiro buscou mostrar essa

¹ Versões preliminares deste texto passaram pela leitura crítica e atenta dos colegas Cesar Oliveira, Maria Cristina Figueiredo Silva e Mônica Rigo Ayres, a quem agradecemos. Também nos beneficiamos da leitura e dos comentários de dois pareceristas anônimos que negaram uma versão muito preliminar deste texto submetido prematuramente em 2016. Finalmente, agradecemos pelo diálogo constante e frutífero com os colegas Maria Eugenia Duarte, Sergio Menuzzi e Sonia Cyrino, cujas ideias permeiam não apenas este texto como nossas investigações cotidianas (ainda que eles não concordem integralmente com muito do que escrevemos aqui). Todas as falhas e os equívocos no texto são de nossa inteira responsabilidade.

² De acordo com um parecerista anônimo, a quem agradecemos o comentário, “Nessa última perspectiva, o PB não está deixando de ser uma língua *pro-drop*, mas corresponde a um dos quatro sistemas de línguas *pro-drop*, seguindo a proposta de Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), Holmberg (2010), Roberts (2010)”.

³ Não entraremos no mérito da discussão sobre se o PB está em processo de mudança ainda não implementada com relação ao parâmetro *pro-drop*, ou se o PB é uma língua de sujeito nulo parcial; remetemos o leitor aos textos mencionados neste parágrafo (e na nota anterior) para discussão pertinente. Aqui perseguiremos dois objetivos (que ficarão claros ainda nesta primeira seção): verificar se a hipótese original de Duarte (1993, 1995) sobre o preenchimento de sujeito pronominal estava correta – 20 anos depois – e verificar se o traço de [gênero semântico] do referente é relevante na distribuição entre as ocorrências de sujeito pronominal e de sujeito nulo.

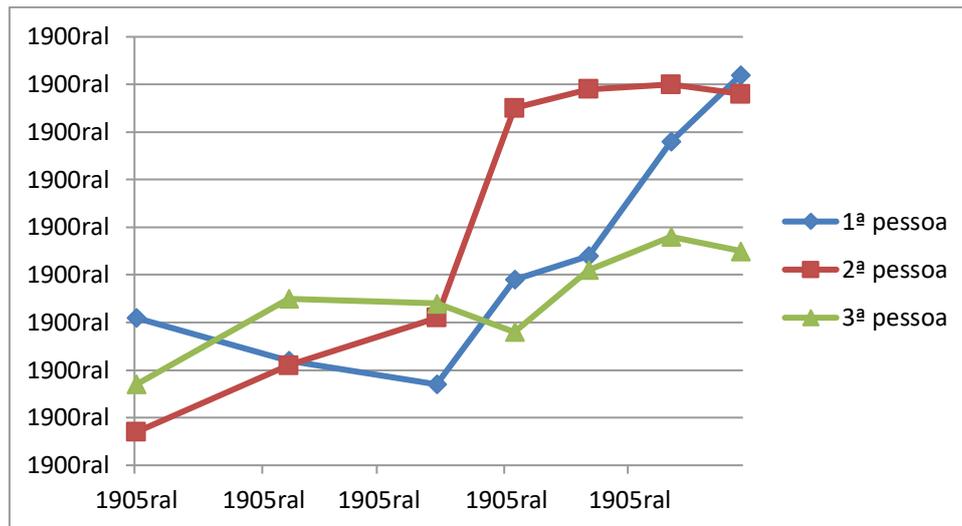
mudança, em termos diacrônicos e paramétricos, justamente a partir de uma sugestão de Tarallo. Nas palavras da própria Duarte (2012, p. 11):

Meu interesse em examinar a realização dos sujeitos referenciais definidos foi despertado pelo próprio Tarallo (1983), que já atestara em cartas a assimetria “sujeitos expressos-objetos nulos” no português brasileiro (PB), apontada no mesmo ano no estudo formal de Moreira da Silva [cf. Moreira da Silva (1983)]. Meu capítulo “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil” [Duarte (1993)] permitiu observar a mudança em direção aos sujeitos pronominais expressos numa amostra de peças escritas e ambientadas no Rio de Janeiro, consideradas como representativas da fala de grupos sociais, particularmente urbanos, de cada época retratada.

Duarte (1993) pesquisou o fenômeno do sujeito nulo (*versus* sujeito pronominal preenchido) em peças teatrais cariocas que abarcaram o período entre 1845 (séc. XIX) e 1992 (séc. XX). Ela utilizou apenas peças teatrais de tom popular, representativas de cada época (cf. DUARTE, 1993, p. 108)⁴ e percebeu um aumento gradativo no preenchimento de sujeito a cada período de tempo, como aparece sistematizado no gráfico abaixo (de DUARTE, 1993, p. 117):

Gráfico 1 – A trajetória do sujeito preenchido ao longo do tempo.

⁴ As peças escolhidas foram *O noviço* (Martins Pena, 1845), *Como se fazia um deputado* (França Jr., 1882), *O simpático Jeremias* (Gastão Tojeiro, 1918), *O hóspede do quarto n. 2* (Armando Gonzaga, 1937), *Um elefante no caos* (Millôr Fernandes, 1955), *A mulher integral* (Carlos E. Novaes, 1975) e *No coração do Brasil* (Miguel Falabella, 1992).



Repare como há um aumento significativo no sujeito pronominal preenchido, desde as primeiras peças analisadas (do séc. XIX) até as do final do séc. XX. Repare também que há uma assimetria entre o preenchimento dos sujeitos pronominais de primeira e segunda pessoas, por um lado, e do sujeito de terceira pessoa (ou de não pessoa), por outro – voltaremos a essa assimetria nas próximas seções. De qualquer maneira, Duarte mostra que o sujeito nulo é um fenômeno em declínio no PB (ou, ao menos, é o que pode ser verificado em seu *corpus* de análise).

Como a última peça teatral analisada por Duarte é de 1992, decidimos, em nosso trabalho, dar continuidade, de certa maneira, à sua investigação: investigamos o fenômeno em duas peças teatrais cariocas do século XXI: *Sinfonia Sonho*, de Diogo Liberano, de 2011, e *Maravilhoso*, do mesmo autor, de 2013. Ao contrário de Duarte, que investigou apenas 150 ocorrências de cada peça (e 200 ocorrências na peça de 1992), decidimos analisar as duas peças teatrais contemporâneas de maneira integral, contabilizando e anotando *todas* as ocorrências de sujeitos nulos e preenchidos por pronomes que encontramos (encontramos 835 ocorrências, como detalharemos na próxima seção). Mantivemos o mesmo recorte metodológico de Duarte, não considerando as ocorrências de sujeitos anafóricos em orações coordenadas (ver

exemplos abaixo), por se tratar de um “contexto universal para o uso do sujeito nulo” (DUARTE, 1993, p. 111).

1. Eu preciso fazer um agradecimento a vocês e Ø pensei num jantar. (2011, p. 29)⁵
2. Ele mata gente, Ø matou o filho da vizinha. (2013, p. 37)

Na verdade, percebemos que não apenas as orações coordenadas pareciam favorecer o sujeito nulo, mas também as frases coordenadas. Por isso, tampouco contabilizamos ocorrências em casos como (3), em que temos sujeitos correferenciais em frases distintas mas coordenadas.

3. Ela tava em cima do telhado. Ø Olhava pro céu. Ø Nem viu a gente chegar. (2011, p. 11)

Selecionamos duas peças teatrais cariocas do início deste século. As últimas peças investigadas em Duarte (1993) foram do começo da década de 1990, ao passo que as peças que investigamos são da primeira década do séc. XXI. Nosso primeiro objetivo aqui é verificar se a hipótese de que o PB está, diacronicamente, favorecendo o uso de pronomes para marcar o sujeito se mantém desde a análise de Duarte (1993). Por isso, como dissemos, demos continuidade à sua investigação, analisando as ocorrências de sujeitos pronominais expressos e nulos em duas peças teatrais cariocas deste início de século XXI. Se o gráfico 1 puder ser expandido com dados do séc. XXI, imaginamos que – seguindo Duarte (1993, 1995) – continuaremos a registrar o aumento do sujeito expresso (e o declínio do sujeito nulo). Acreditamos também que devemos encontrar, inclusive, um número maior de sujeitos expressos de 3ª pessoa,

⁵ Todos os exemplos no texto foram retirados do nosso *corpus* de análise, a menos que se indique o contrário. Os exemplos de 2011 se referem à peça *Sinfonia Sonho* e os exemplos de 2013 se referem à peça *Maravilhoso*.

minimizando a assimetria que registramos acima. Esse foi nosso primeiro objetivo; um objetivo de teor empírico, digamos.

Além desse primeiro objetivo, também seguiremos aqui uma ideia baseada na proposta de Creus e Menuzzi (2004) sobre o **objeto direto** nulo e pronominal em PB. Creus e Menuzzi (2004) propuseram a chamada “hipótese do gênero semântico”, que estaria atuando no condicionamento de pronomes plenos e elementos vazios na função de objeto direto anafórico em PB. De acordo com Othero e Schwanke (2018, p. 156-7),

O traço de gênero semântico diz respeito à classificação que distingue substantivos que denotam seres sexuados de substantivos que denotam seres não sexuados; ou, talvez de forma mais precisa, o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem, mulher, professor, cachorro, etc.*, de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa, livro, vítima, cônjuge, boneco, tartaruga, etc.* Referentes inanimados são marcados negativamente para esse traço; substantivos animados, contudo, não possuem necessariamente um gênero semântico específico: *pessoa, habitante, estudante, etc.* Ou seja, alguns substantivos possuem gênero gramatical, mas não gênero semântico inerente. A hipótese de Creus & Menuzzi (2004) é, basicamente, de que o traço de gênero semântico do referente atua como gatilho essencial para a retomada anafórica de objetos em terceira pessoa.

Ao contrário de grande parte da literatura sobre o objeto nulo em PB (como CYRINO, 1993, 1994/1997, 2003; CYRINO; DUARTE; KATO, 2000; SCHWENTER; SILVA, 2002; SCHWENTER, 2006, 2014, entre outros), que considera relevantes os traços de animacidade e especificidade do antecedente no condicionamento para a retomada anafórica pronominal ou com elemento foneticamente nulo em função de objeto direto, Creus e Menuzzi (2004, p. 150) entendem que “os efeitos dos traços de animacidade e especificidade (...) podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre os antecedentes que possuem e os que não possuem gênero semântico”. Sua hipótese é que, se o antecedente não tiver gênero semântico aparente, será retomado por um objeto nulo; caso contrário, por um pronome pleno. Essa hipótese

foi testada e confrontada com a hipótese “clássica” que envolve os traços de animacidade e especificidade do referente e tem se mostrado bem-sucedida (cf. PIVETTA, 2015; AYRES, 2016, 2018; OTHERO *et al.*, 2016; COELHO *et al.*, 2017; OTHERO; SCHWANKE, 2018, para estudos comparativos). Nas palavras de Creus e Menuzzi (2004, p. 161),

a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *ele/ela* e os objetos nulos é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs [objetos nulos] não diferem significativamente dos PrPls [pronomes plenos], já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPls resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPls porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico.

Em outras palavras, antecedentes com gênero semântico expresso tendem a ser retomados por pronomes. E antecedentes sem gênero semântico expresso tendem a ser retomados por uma categoria vazia.

Nosso segundo objetivo aqui será, portanto, **verificar se essa hipótese também pode se aplicar ao sujeito nulo e pronominal**. Em outras palavras, verificaremos aqui se os sujeitos pronominais têm a tendência de apontar para referentes que apresentam gênero semântico aparente. Sabemos que os dois fenômenos (sujeito nulo e objeto nulo) estão relacionados – algo já apontado por Tarallo (1983) e Oliveira (1989). Se o objeto nulo parece poder ser explicado por uma questão de concordância de gênero semântico, podemos tentar estender essa hipótese para o fenômeno do sujeito nulo. A ideia básica por trás dessa hipótese é a de que temos três tipos pronominais de 3^a

pessoa, que são usados para referência (anafórica ou exofórica) de sujeitos e de objetos em PB:

Ele – masculino

Ela – feminino

∅ – não especificado para gênero

Em tendo o referente gênero semântico aparente (*o professor, uma menina, um cachorro*, etc.), este deve ser preferencialmente retomado por um pronome (masculino ou feminino); em o referente sendo marcado como [-gênero semântico] (*um livro, a vítima, a testemunha*, etc.), este deve ser preferencialmente retomado por um elemento nulo (∅). Essa investigação já foi feita nas retomadas de objeto direto (veja as referências já citadas); agora, pretendemos investigar se essa hipótese pode estar relacionada com a distribuição entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais. Por isso, anotamos o gênero semântico de cada referente dos sujeitos pronominais e nulos que apareceram no *corpus* composto pelas duas peças teatrais contemporâneas, com o intuito de verificar se os antecedentes com gênero semântico de fato favorecem o uso de um pronome, ao passo que os antecedentes sem gênero semântico favoreceriam o uso de uma categoria vazia. Se essa hipótese se concretizar, teremos algum argumento para mostrar que um único traço do referente – o gênero semântico – pode estar atuante no sistema pronominal do PB, tanto no caso do sujeito como do objeto, nulo e pronominal⁶.

⁶ Repare que esta proposta é uma alternativa à proposta de Cyrino, Duarte e Kato (2000), que usaram a hierarquia de referencialidade, que leva em consideração traços como [±humano] e [±animado]. Voltaremos à hierarquia de Cyrino, Duarte e Kato (2000) na seção 3.

2. As peças, os dados e a análise

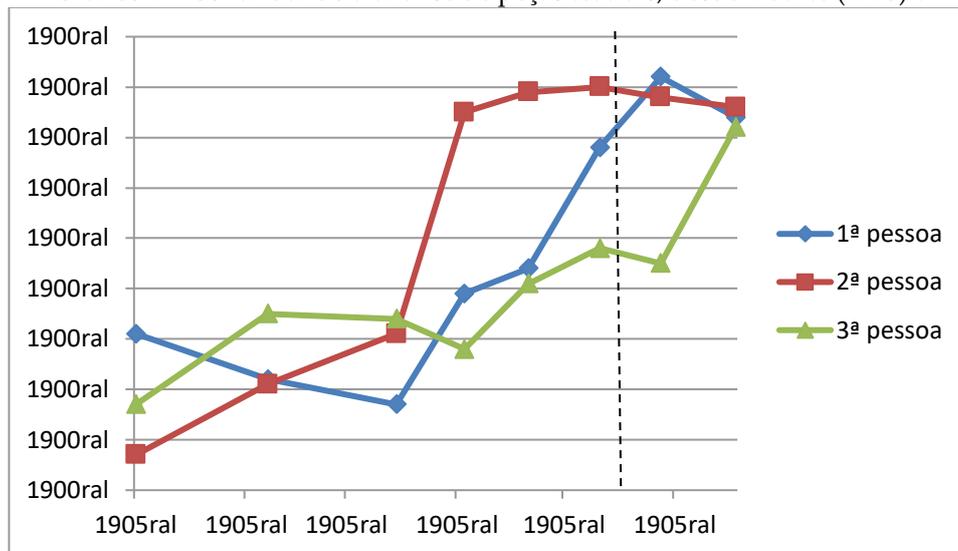
As duas peças teatrais escolhidas são relativamente recentes (2011 e 2013) e foram escritas por um dramaturgo carioca. Analisamos o texto integral de ambas e encontramos os seguintes dados concernentes à expressão do sujeito de cada oração⁷:

Tabela 1 – Sujeitos preenchidos e nulos nas duas peças do início do séc. XXI.

	Preenchido	Nulo
1ª pessoa	318/442 (72%)	124/442 (28%)
2ª pessoa	203/265 (76,6%)	62/265 (23,4%)
3ª pessoa	91/128 (71%)	37/128 (29%)
Total	612/835 (73,3%)	223/835 (26,7%)

Encontramos resultados semelhantes aos apresentados na análise da peça teatral de 1992 feita por Duarte (1993): o sujeito pronominal de 1ª pessoa (*eu, nós, a gente*) tende a ser expresso (72% das ocorrências), tal como o sujeito de 2ª pessoa (*tu, você, vocês*) – 76,6% das ocorrências. Finalmente, os sujeitos pronominais de 3ª pessoa que encontramos nessas duas peças teatrais parecem confirmar a hipótese proposta por Duarte (1993) e retomada em estudos posteriores (cf. DUARTE, 2012, por exemplo) e assumida aqui: o PB está favorecendo orações com sujeitos preenchidos foneticamente, o que se percebe especificamente pelo alto nível de preenchimento do sujeito pronominal de 3ª pessoa. Repare, no gráfico 2, como as ocorrências de sujeito pronominal de 3ª pessoa aumentaram gradativamente com o tempo, chegando a um patamar muito próximo ao dos sujeitos preenchidos de 1ª e 2ª pessoas (lembramos que os dados dos séculos XIX e XX são os mesmos do gráfico 1, de DUARTE, 1993, p. 117; apenas os dados do séc. XXI são nossos):

⁷ Vale lembrar, mais uma vez, que estamos investigando apenas sujeitos pronominais e nulos. Deixamos de lado todas as ocorrências em que o sujeito oracional fosse expresso por um DP não pronominal.

Gráfico 2 – Continuando a análise de peças teatrais, desde Duarte (1993)⁸.

Repare como temos um efeito de continuidade com os dados encontrados por Duarte (1993). Os sujeitos preenchidos de 1ª e 2ª pessoa continuam com alta frequência no *corpus*. O interessante aqui é o que constatamos com a 3ª pessoa. No *corpus* da década de 1990, os sujeitos preenchidos de 3ª pessoa estavam em clara assimetria com os de 1ª e 2ª, algo que começou a aparecer de maneira acentuada a partir da década de 1970. Nossos dados, contudo, mostram que essa assimetria – entre a 1ª e a 2ª pessoa, de um lado, e a 3ª pessoa, de outro – deixa de existir. Como havia constatado Duarte (1993, p. 115):

A 3ª pessoa (...) é a única que não parece ser significativamente afetada pela redução nos paradigmas.

(...) o que nos coloca diante de uma assimetria: de um lado temos os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas representados cada vez mais frequentemente pelo pronome lexical e de outro, o sujeito de 3ª pessoa, aparentemente usufruindo da opção permitida às línguas “pro-drop”.

⁸ Neste gráfico, computamos apenas os dados referentes às três pessoas do singular (*eu, tu/você, ele*), para manter o paralelismo com o trabalho de Duarte (1993). Nossos dados para as três pessoas do singular não diferem muito do que apresentamos na tabela 1, em termos de distribuição entre sujeitos nulos e expressos.

Em nossa análise, como mencionamos, os sujeitos de 3ª pessoa são majoritariamente sujeitos preenchidos por pronomes (71% dos casos), o que se reflete no gráfico mais simétrico que contém os dados que coletamos nessas duas peças de início de século XXI. Na próxima seção, tentaremos esboçar uma explicação baseada na hipótese do gênero semântico como gatilho para a ocorrência de sujeitos pronominais, mais especificamente os sujeitos de 3ª pessoa, fazendo a ressalva, porém, que não investigamos aqui outros fatores que poderiam estar influenciando o fenômeno, como o contexto sintático de cada ocorrência (se em oração principal ou encaixada, por exemplo) – com a exceção de não termos contabilizado ocorrências de sujeito em frases e orações coordenadas, como mencionamos acima.

3. O gênero semântico do antecedente

Como dissemos na primeira seção do texto, a hipótese do gênero semântico foi apresentada por Creus e Menuzzi (2004) como uma alternativa à hipótese dos traços de animacidade e especificidade do referente na retomada anafórica de objeto direto em PB (já trabalhada por grande parte da literatura sobre o assunto, vide referências citadas)⁹. Nas palavras de Creus e Menuzzi (2004, p. 7),

(...) destes dois traços [animacidade e especificidade], o que tem papel central é o de animacidade, já que é ele que configura as generalizações básicas do sistema; o traço de especificidade parece ser relevante, na verdade, apenas para uma classe de antecedentes. Assim, parece-nos que a explicação do sistema de anáfora de objeto em PB (...) precisa identificar no traço de animacidade aquele aspecto essencial que, ao mesmo tempo que traça as generalizações básicas, prevê também a possibilidade de alternativa para os antecedentes animados não-

⁹ Por questões de espaço, não detalharemos aqui as hipóteses que explicam a distribuição entre pronome e categoria vazia na retomada anafórica do objeto direto. Para mais detalhes, remetemos o leitor a Mileski (2014) e Othero *et al.* (2016). Mileski (2014) apresenta uma revisão de literatura relativamente recente sobre o objeto nulo e Othero *et al.* (2016) apresentam as hipóteses do gênero semântico e a hipótese da combinação entre os traços de animacidade e de especificidade do antecedente, contrastando as duas.

específicos. A nosso ver, o aspecto fundamental do traço de animacidade é que ele está associado com distinções de gênero semântico.

Essa hipótese tem sido confrontada com a hipótese dos traços de animacidade e especificidade do referente e tem se mostrado mais *econômica* (i.e. permite explicar o fenômeno com base em apenas um único traço semântico do antecedente, ao invés de dois traços) para lidar com o fenômeno do objeto direto anafórico (pronominal e nulo) de 3ª pessoa em PB (cf. referências já citadas)¹⁰.

Nosso segundo objetivo neste trabalho, como dissemos, é estender essa ideia para verificar se o gênero semântico do referente também pode ser um fator atuante no fenômeno do preenchimento do sujeito pronominal em PB. Se um antecedente com gênero semântico aparente condiciona a retomada anafórica de objeto direto pronominal (ao passo que um antecedente sem gênero semântico aparente favorece o objeto nulo), podemos hipotetizar que esse mesmo traço gramatical do referente (o gênero semântico) condicione a presença ou a ausência do pronome em função de sujeito, como segue:

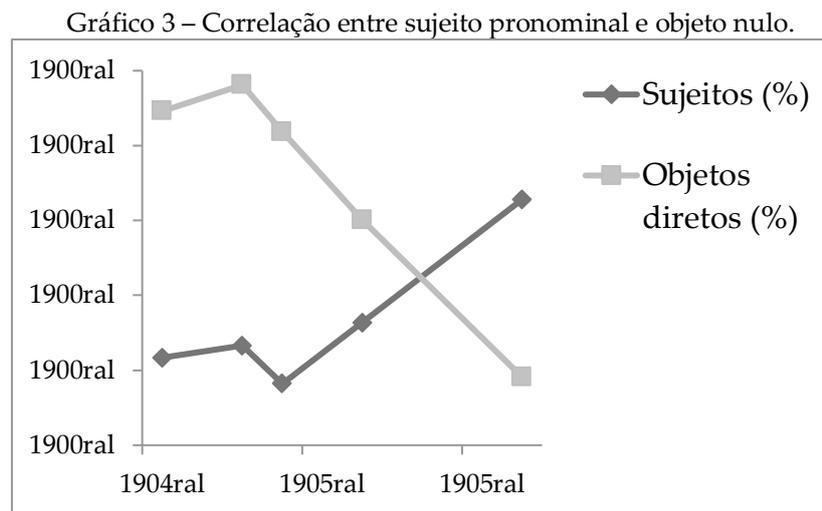
Quadro 1 - gênero semântico e os fenômenos de sujeito e objeto nulos.

Tipo de antecedente	Objeto direto	Sujeito
[+gs]	Expreso (pronominal)	Expreso (pronominal)
[-gs]	Nulo (categoria vazia)	Nulo (categoria vazia)

A ideia de que esses dois fenômenos relativamente recentes em PB (a preferência por sujeitos preenchidos e por objetos nulos) estão relacionados não é, como dissemos, nova. Oliveira (1989) já havia constatado isso em seu estudo sobre a

¹⁰ Othero *et al.* (2018), em um estudo comparativo baseado em *corpora* de língua escrita com características de fala, contudo, não chegaram a uma conclusão definitiva sobre qual dessas hipóteses tem cobertura empírica superior.

ordem dos constituintes na frase, e Tarallo (1983, 1993) já tinha quantificado a relação entre o declínio do sujeito nulo e o aumento do objeto direto nulo em cartas. Abaixo, apresentamos um gráfico que exhibe essa relação (baseado nos dados de TARALLO, 1983):



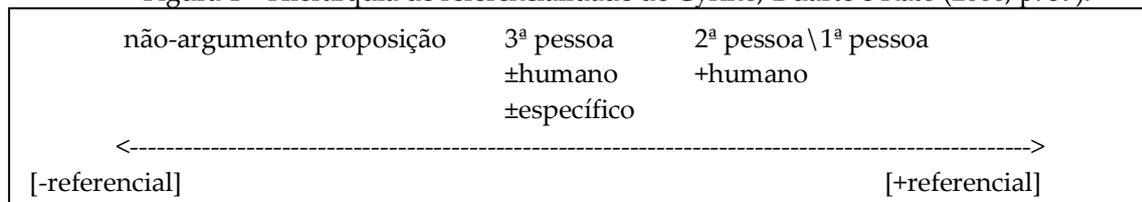
Se a hipótese do gênero semântico puder explicar ambos os fenômenos, conseguiremos chegar a uma generalização interessante: a de que os referentes marcados com gênero semântico (e não apenas com gênero gramatical) favorecem o uso de pronomes em PB, seja na função de objeto direto (como já mostram os trabalhos de MENUZZI; CREUS 2004; PIVETTA 2015; OTHERO *et al.* 2016; COELHO *et al.* 2017, entre outros), seja na função de sujeito (como hipotetizamos aqui).

Essa hipótese se distancia daquela apresentada por Cyrino, Duarte e Kato (2000), da hierarquia de referencialidade. Diversos trabalhos têm mostrado, desde o trabalho já clássico de Cyrino, Duarte e Kato (2000), que

quanto mais referencial é o sujeito maior a expectativa de um pronome expresso. (...) tomando-se a referencialidade como uma propriedade gradiente do mais específico para o menos específico, sendo os menos específicos aqueles itens não dotados do traço [+humano] (Kato & Duarte, 2014, p. 17).

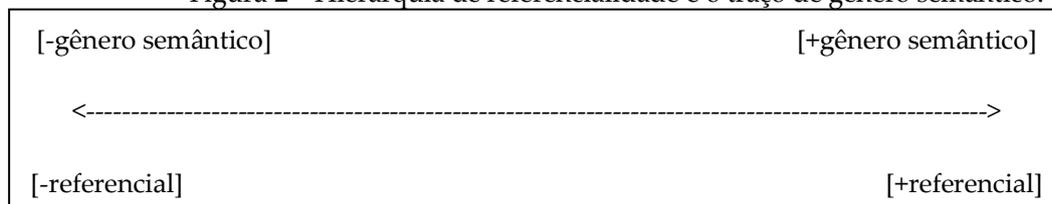
Ou seja, os referentes mais altos na hierarquia (cf. Figura 1) têm a tendência de serem retomados por pronomes, ao passo que referentes mais baixos na hierarquia são normalmente retomados por uma categoria vazia.

Figura 1 – Hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000, p. 59).



Essa mesma ideia está parcialmente guiando a hipótese do gênero semântico, uma vez que apenas referentes animados podem ser marcados como [+gs]. Temos aqui, então, uma sobreposição entre os traços de animacidade e de gênero semântico, tal como sistematizamos na Figura 2:

Figura 2 – Hierarquia de referencialidade e o traço de gênero semântico.



Os não-argumentos e as proposições (na ponta de baixo da escala) são referentes [-gs], pouco proeminentes, pouco referenciais; são referentes que, via de regra, condicionam a retomada por um elemento vazio (∅). Na outra ponta da escala, temos os referentes altamente referenciais, 1ª e 2ª pessoa (que condicionam pronomes). Esses referentes têm seu estatuto [+gs] garantido. A chave aqui está então na 3ª pessoa: em se tratando de referentes de 3ª pessoa [+gs], estamos falando de referentes altos na hierarquia; ao passo que referentes de 3ª pessoa [-gs] são baixos na hierarquia. Se nossa hipótese estiver correta, os traços de ±humano e ±específico serão secundários, ao

passo que o traço de gênero semântico será o traço crucial na retomada anafórica pronominal de 3ª pessoa, tanto para o sujeito como para o objeto. A hipótese do gênero semântico carece justamente das limitações relacionadas ao traço de especificidade, muitas vezes problemático, pois tem papel incerto nos casos de retomada do objeto direto (cf. CREUS; MENUZZI 2004; SCHWENTER 2006; COELHO *et al.* 2017; OTHERO *et al.* 2018). Além disso, a hipótese do gênero semântico se baseia meramente na relação de concordância do pronome com seu antecedente. Em sistemas em que temos pronomes de três gêneros (masculino, feminino e neutro, por exemplo), esses pronomes podem retomar seus referentes com base no gênero semântico, tal como vemos em inglês, por exemplo:

3. The boy... *he/him...*
 The girl... *she/her...*
 The dog... *it...*

Em português, não temos um pronome de “gênero neutro”, mas temos uma categoria vazia não especificada para gênero que pode figurar tanto na função de sujeito quanto de objeto direto, ao menos em PB¹¹. Essa categoria vazia parece retomar, justamente, antecedentes sem gênero semântico marcado ([*-gs*]), ao menos nos casos de retomada anafórica do objeto direto (cf. referências citadas).

Aqui, estendemos essa hipótese para começar a analisar o sujeito nulo e pronominal expresso. Se essa hipótese se mostrar adequada, a hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000) terá de ser repensada (ao menos no caso do PB) – tal como esboçamos na Figura 2. Outra ideia que deverá ser repensada é sobre a marcação diferencial de objeto em PB. Othero *et al.* (2016) entendem que o objeto nulo é uma forma não marcada de retomada anafórica do objeto, ao passo que a retomada anafórica pronominal é a forma marcada na língua:

¹¹ Para uma comparação com o PE, cf. Raposo (1986) e Cyrino & Matos (2016).

(...) temos em PB uma estratégia relativamente inovadora (cf. NUNES, 1993, CYRINO 1994/1997) para a retomada de objetos (prototipicamente inanimados e, portanto, sem gênero semântico): a retomada anafórica com uma categoria vazia, o **objeto nulo**. Defendemos que essa é a estratégia *default*, não marcada. Ela é mais frequente (cf. DUARTE, 1989, TARALLO, 1996, SCHWENTER & SILVA, 2002), tem menos material linguístico (\emptyset) e é mais comum na produção de crianças em fase de aquisição da linguagem (cf. CASAGRANDE, 2007, AYRES, 2016).

Por outro lado, caso o sistema depare com um caso **atípico**, i.e. com um objeto direto anafórico cujo referente tem o traço [+gs], usa-se o **pronome**. Trata-se da conhecida condição de *Elsewhere* (cf. ANDERSON, 1969, KIPARSKY, 1973, ARONOFF, 1976): o uso de uma forma mais específica se aplica antes de uma forma mais genérica (a forma menos marcada, objeto nulo, sendo a menos específica). (OTHERO et al., 2016, p. 11)

Essa ideia parece se aplicar aos casos de retomada anafórica de objeto direto em PB, mas não pode ser generalizada para o uso dos pronomes de maneira geral, i.e. algo do tipo **a retomada anafórica marcada na língua se dá com um elemento pronominal expresso** ou **a retomada anafórica não marcada em PB se dá com um elemento vazio**. Isso porque, quando estudamos o sujeito nulo, percebemos que o uso do pronome é a estratégia “não marcada”, a mais frequente (cf. referências já citadas)¹².

Talvez uma ideia que seja mais acurada – e que envolve apenas a retomada anafórica de objeto direto em PB – seja aquela esboçada por Schwenter (2006), que explora um tipo de manifestação da marcação diferencial do objeto em PB:

A marcação diferencial de objeto (DOM, do inglês *differential object marking*) em espanhol acontece basicamente com os mesmos referentes de objeto direto que são manifestos como pronomes tônicos no vernáculo atual do português brasileiro (por exemplo, *A Maria viu ele ontem*). Já os referentes de objeto direto que ocorrem sem DOM em espanhol, por outro lado, são os mesmos que ocorrem como objetos

¹² Além disso, a “teoria da marcação” tem recebido críticas significativas, cf. Haspelmath (2006).

nulos em PB. Essa generalização é surpreendente, e eu fiquei realmente chocado que nunca ninguém tinha notado isso: os referentes prototípicos de objetos diretos em ambas as línguas não recebem nenhuma marcação especial, ao passo que os referentes atípicos recebem. A marca de DOM em espanhol é a preposição *a* e em português é um pronome explícito. Esse é um caso claro de motivação icônica e de isomorfismo entre forma e função. Então, mesmo que, estritamente falando, o português não tenha mais marcação diferencial do objeto (exceto com o substantivo *Deus*), claramente há aí um sistema diferencial de marcação de referentes em objetos diretos anafóricos. (SCHWENTER; NUNES, 2018, p. 232)

De qualquer maneira, para verificar se a hipótese do gênero semântico pode ser estendida para explicar o fenômeno do sujeito pronominal *vs* nulo, anotamos o gênero semântico dos referentes dos sujeitos pronominais expressos e nulos nas duas peças teatrais que compõem nosso *corpus* de análise e encontramos a seguinte distribuição:

Tabela 2 – Antecedentes +gs e -gs com sujeitos preenchidos e nulos.

	Referentes +gs	Referentes -gs
Sujeitos preenchidos	601/612 (98,2%)	11/612 (1,8%)
Sujeitos nulos	212/223 (95%)	11/223 (5%)
Total	813/835 (97,4%)	22/835 (2,6%)

Repare como a maciça maioria dos sujeitos (preenchidos e nulos) apresenta referentes com gênero semântico marcado (97,4%), em claro contraste com os objetos diretos anafóricos (pronominais e nulos), que costumam ter antecedentes sem gênero semântico marcado (cf. OTHERO; SPINELLI 2017, que mostram, em sua amostra de dados de fala, que 78% das retomadas anafóricas de objeto acontecem com referentes sem gênero semântico). Isso apenas reforça o fato já bastante conhecido de que o sujeito prototípico (nas línguas, de maneira geral) costuma ser denotado por uma entidade *humana*, volitiva, ao passo que o objeto direto prototípico nas línguas costuma ser um referente *não humano* (cf. HOPPER; THOMPSON, 1980; DOWTY, 1991; SCHWENTER, 2006, entre outros).

Repare também como a maior parte dos sujeitos preenchidos apresenta, de fato, referentes com gênero semântico (98,2%). Por outro lado, também os sujeitos nulos preferencialmente têm referentes com gênero semântico (90,6%), o que pode ser explicado pelas ocorrências de sujeitos nulos de 1ª pessoa (*eu, nós, a gente*) e de 2ª pessoa (*tu, você, vocês*), exofóricos, que *sempre* apontaram para referentes com gênero semântico marcado. Na tabela 3, abaixo, podemos verificar as ocorrências de sujeitos preenchidos divididos entre as 3 pessoas do discurso.

Tabela 3 – Sujeitos preenchidos e o gênero semântico de seus referentes.

	Referentes +gs	Referentes -gs
1ª pessoa	318/318 (100%)	0/318 (0%)
2ª pessoa	203/203 (100%)	0/203 (0%)
3ª pessoa	80/91 (88%)	11/91 (12%)
Total	601/612 (98,2%)	11/612 (1,8%)

Como mencionamos, os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas sempre apontaram para referentes com gênero semântico identificado. O interessante da história pode estar, então, na análise da 3ª pessoa, como antecipamos acima, quando da discussão da hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000). No total, encontramos 128 ocorrências de sujeitos pronominais de 3ª pessoa, 91 preenchidos e 37 nulos, como vemos nos exemplos abaixo (o primeiro com um pronome retomando um referente +gs, e o segundo retomando um referente -gs):

5. **Ele** deu ordem pra te segurar aqui fora. (2013, p. 27)

6. D: quer chocolate?

H: eu aceito.

D: Ø Veio da Europa, sabia? (2013, p. 20)

Dessas 128 ocorrências de sujeitos de 3ª pessoa, 91 foram preenchidos e 37 nulos (como mostramos na Tabela 1, acima). Já vimos que os sujeitos de 1ª e 2ª pessoa

apontam para referentes [+gs] e são preferencialmente preenchidos. Os sujeitos de 3ª pessoa, por outro lado, podem retomar antecedentes sem gênero semântico aparente (marcados como [-gs], portanto), como no exemplo (6). Entre as 128 ocorrências de sujeitos de 3ª pessoa, encontramos 106 retomando referentes [+gs] e apenas 22 retomando referentes [-gs], o que não é surpreendente, visto que a função de sujeito está reservada, via de regra, a referentes humanos e definidos (cf. referências citadas), que possuem gênero semântico aparente (*o homem, a professora, um amigo*, etc.). De qualquer forma, verificamos se essas 106 ocorrências de referentes [+gs] foram retomados por pronomes e se as 22 ocorrências de referentes [-gs] foram retomadas preferencialmente por um sujeito nulo. O que encontramos aparece sistematizado na Tabela 4:

Tabela 4 – Traço semântico do antecedente de sujeitos de 3ª pessoa.

	Sujeitos preenchidos	Sujeitos nulos
Referentes +gs	80/106 (75,5%)	26/106 (24,5%)
Referentes -gs	11/22 (50%)	11/22 (50%)
Total	91/128 (71%)	37/128 (29%)

Repare que, nas retomadas anafóricas de sujeitos de 3ª pessoa, aproximadamente 3/4 dos antecedentes marcados com gênero semântico foram retomados por pronomes, ao passo que apenas 1/4 foi retomado por um sujeito nulo. Isso, aliado ao que encontramos para os sujeitos pronominais de 1ª e 2ª pessoa, parece confirmar nossa hipótese de que o gênero semântico do antecedente\referente é um fator relevante para a retomada pronominal em função de sujeito.

Repare também que, entre os referentes [-gs], encontramos uma aparente variação livre: 50% das ocorrências foram retomadas por pronome, ao passo que 50% foram retomadas por sujeito nulo. Isso pode indicar que, na ausência do traço de gênero semântico do antecedente, não há favorecimento de retomada pronominal expressa. Em não havendo favorecimento da marcação de sujeito expresso, por causa

do traço [-gs] dos antecedentes, temos mais chances de encontrar um sujeito nulo. Contudo, o PB, como vimos, está favorecendo construções com o sujeito expesso – e não com o sujeito nulo (vide as referências já citadas). Acreditamos que podemos estar diante, aqui, de um caso de conflito entre dois princípios gramaticais distintos: um que favorece o sujeito nulo (porque o antecedente não tem gênero semântico expesso) e um que favorece o sujeito pronominal expesso (porque é uma tendência geral do PB não apresentar sujeito nulo). Em outras palavras, é interessante notar que os referentes [+gs] favoreceram, de fato, a retomada pronominal, em todas as pessoas do discurso (aproximadamente $\frac{3}{4}$ das ocorrências de referentes [+gs] foram retomadas por pronomes, cf. Tabela 1). E as poucas ocorrências de retomada de referentes [-gs] **não favoreceu**, justamente, a retomada pronominal. Nesses casos, como dissemos, encontremos um conflito entre um princípio de favorecimento do sujeito nulo (em casos de retomadas de referentes [-gs]) e um princípio de favorecimento do sujeito preenchido (que está relacionado à mudança do parâmetro *pro-drop* em PB, como aponta grande parte da literatura, cf. referências já citadas). É uma maneira de explicarmos essa distribuição em variação livre.

4. Considerações finais

Nosso trabalho teve dois objetivos centrais: (i) dar continuidade, de certa maneira, ao trabalho pioneiro de Duarte (1993, 1995) sobre o preenchimento de sujeitos pronominais em PB através da análise de peças teatrais; e (ii) aplicar a hipótese do gênero semântico (de CREUS; MENUZZI 2004) à análise, justamente, dos sujeitos pronominais nessas peças.

O primeiro resultado que obtivemos (referente ao objetivo (i)) confirmou a hipótese antecipada em Duarte (1993, 1995) de que o PB estaria favorecendo o preenchimento de sujeitos pronominais (aproximando-se, portanto, de uma língua *pro-drop*). Além de os sujeitos de 1^a e 2^a pessoas continuarem com alto índice de

preenchimento (72% e 76,6%, respectivamente), mostramos aqui que essa tendência se espalhou também para a 3ª pessoa (71% de sujeitos pronominais preenchidos), algo que Duarte (1993, 1995) não tinha constatado até então; daí ela ter apresentado dados “assimétricos” no que toca o preenchimento de sujeito nas três pessoas do discurso, como vimos.

O segundo resultado a que chegamos (referente ao objetivo (ii)) também se mostrou promissor, no sentido de que os sujeitos pronominais preenchidos preferencialmente retomam (ou se referem a) referentes com gênero semântico marcado (98,2% das ocorrências analisadas). Descobrimos também que as ocorrências de 3ª pessoa seguem a mesma tendência que encontramos com os sujeitos de 1ª e 2ª pessoa (que têm seus referentes sempre marcados como [+gs]). Ou seja, 88% das ocorrências de sujeitos preenchidos de 3ª pessoa retomavam referentes com gênero semântico expreso, [+gs]. Isso parece mostrar que o gênero semântico pode ser, de fato, um traço relevante para o favorecimento do pronome em PB, tanto para o objeto direto anafórico (como mostram alguns trabalhos recentes na literatura), como para o sujeito pronominal (como tentamos esboçar aqui).

Outros dois pontos estão em nossa agenda de investigações:

(i) Nos casos em que o antecedente não tem gênero semântico expreso, encontramos variação livre entre pronomes e sujeitos nulos. Esses casos não são numerosos, dadas as características inerentes à própria função de sujeito (ser animado, volitivo, específico, [+gs], cf. referências citadas). Em nossa análise, encontramos apenas 22 ocorrências de tais casos (de um total de 835 ocorrências analisadas). De qualquer maneira, acreditamos que, nesses casos, podemos estar frente a um conflito entre dois princípios gramaticais atuantes em PB: um que favorece o sujeito preenchido (e está relacionado à mudança de marcação do parâmetro *pro-drop* na língua, como atesta já vasta literatura) e outro que pode estar favorecendo o sujeito

nulo (que, hipotetizamos, está relacionado ao gênero semântico do antecedente). Esses casos merecem investigações futuras.

(ii) Normalmente os referentes\antecedentes que são marcados com o traço [+gs] são, ao mesmo tempo, referentes altos na hierarquia proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000). Isso significa que os resultados que apresentamos aqui podem estar sobrepostos, no sentido de que, na verdade, o traço de gênero semântico não seja relevante na retomada do sujeito por pronome ou por categoria vazia (como mostrou, por exemplo, o recente trabalho de DUARTE; REIS, 2018). Temos de verificar se isso de fato está acontecendo, e uma boa maneira de fazer isso é, justamente, investigar aqueles casos de referentes de 3ª pessoa que recebem o traço [+animado], [+humano], [+específico] mas [-gênero semântico] – SNs como *a vítima, o cônjuge, a testemunha*, etc. Esses referentes estão em uma ponta da escala de Cyrino, Duarte e Kato (2000) – são altamente referenciais e, portanto, devem favorecer a retomada pronominal expressa – e na outra ponta em nossa escala – são referentes [-gs], que devem, portanto favorecer a retomada por sujeito nulo. A busca em *corpora* tradicionais, nesse caso, pode se mostrar infrutífera e exaustiva, mas podemos usar *corpora* que armazenem *big data*, quantidades gigantescas de dados, e que nos permitam fazer buscas de construções ou sequências de palavras específicas, como o *corpus* do Twitter, por exemplo. Alternativamente, podemos pensar em experimentos com testes com julgamentos de aceitabilidade por parte de informantes; assim conseguiremos testar os contextos específicos que precisamos verificar, tal como foi feito no estudo original de Creus & Menuzzi (2004), por exemplo, quando eles primeiro investigaram o traço de gênero semântico na retomada anafórica do objeto direto.

Referências

ANDERSON, S. R. **West Scandinavian vowel systems and the ordering of phonological rules**. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1969.

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: MIT Press, 1976.

AVELAR, J.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 3, p. 49-65, 2008.

AYRES, M. R. **Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro**: uma análise da fala infantil. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

AYRES, M. R. Objetos nulos, elipses de VP e retomadas pronominais na fala infantil em PB: uma reanálise do trabalho de Ayres e Othero (2016). **Domínios de Lingu@gem**, vol. 12, n. 1, 2018. p. 298-319. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-11>

BUTHERS, C. M. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no Português Brasileiro Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo**: uma abordagem minimalista. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2009.

BUTHERS, C. M.; DUARTE, F. B. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório? **Revista Diacrítica**, v. 26, n. 1, p. 64-88, 2012.

CASAGRANDE, S. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro**. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 213f, 2007.

COELHO, I. L.; OTHERO, G. A.; VIEIRA-PINTO, C. A. Reanálise de variáveis semânticas no condicionamento do objeto nulo e do pronome pleno na fala de Florianópolis. **Fórum Linguístico**, v. 14, n. 4, 2017.

COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras. **ReVEL**, edição especial n. 6, 2012.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.) **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

CYRINO, S. M. **O objeto nulo no português do Brasil**: um estudo sintático-diacrônico. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1994 (publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

CYRINO, S. M. Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 1, 2003.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. *In*: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (ed.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 55-104.

CYRINO, S. M. L.; MATOS, G. Null objects and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. *In*: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. **The handbook of Portuguese linguistics**. Oxford: Blackwell, 2016. p. 294-317. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118791844.ch16>

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, 67 (3), 1991. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1991.0021>

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. *In*: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. West Sussex: John Wiley & Sons, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118791844.ch13>

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. *In*: TARALLO, F. (org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 19-34.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado, 1995.

DUARTE, M. E. L. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992)**: estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DUARTE, M. E. REIS, E. P. R. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. **ReVEL**, vol. 16, n. 30, 2018.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

HASPELMATH, M. Against markedness (and what to replace it with). **Journal of Linguistics**, v. 42, n. 01, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226705003683>

HOLMBERG, A. Null subject parameters. *In*: BIBERAUER, T. *et al.* **Parametric variation: Null subjects in minimalist theory**, p. 88-124. Cambridge: CUP, 2010.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2008.01154.x>

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56, 1980.

KATO, M. A. Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. **Probus** (Dordrecht), Berlin, v. 11, n° 1, p. 1-37, 1999.

KIPARSKY, P. "Elsewhere" in phonology. *In*: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. **A festschrift for Morris Halle**. Holt: Rinehart and Winston, 1973. P. 93-106.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Padrão Livraria e Editora, 1977.

MILESKI, I. Uma discussão sobre condicionamentos semânticos do uso do objeto nulo no português brasileiro. **Via Litterae**, v. 6, n. 2, 2014

MOREIRA DA SILVA, S. **Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil**. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII, 1983.

NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

OLIVEIRA, D. P. O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo. *In*: TARALLO, F. (org.) **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. **Working Papers em Linguística** v. 17(1), 2016.

OTHERO, G. A.; CYRINO, S.; SCHABBACH, G.; MADRID, L.; ROSITO, R. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em *corpora* escritos com características de fala. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 44, 2018.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. **Revista de Estudos da Linguagem (UFMG)**, v. 26, n. 1, 2018.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado. **Revista Letras (UFPR)**, v. 96, p. 174-195, 2017.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro**: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs. gênero semântico. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

QUAREZEMIN, S.; CARDINALETTI, A. Non-Topicalized Preverbal Subjects in Brazilian Portuguese, Compared to Italian. **Annali di Ca'Foscari**. Serie occidentale, v. 51, 2017. p. 383-409.

RAPOSO, E. P. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (ed.) **Studies in Romance Linguistics**. Foris: Dordrecht, 1986.

ROBERTS, I. A deletion analysis of null subjects. In: BIBERAUER, T. *et al.* **Parametric variation: Null subjects in minimalist theory**. Cambridge: CUP, 2010. p. 125-152

SCHWENTER, S. Null objects across South America. **Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium**. Somerville: Cascadilla Press, 2006.

SCHWENTER, S. Two kinds of differential object marking in Portuguese and Spanish. **Portuguese-Spanish interfaces: Diachrony, synchrony, and contact**, 2014.

SCHWENTER, S.; NUNES, L. L. Uma entrevista com Scott Schwenter. **ReVEL**, v. 16, n. 30, 2018.

SCHWENTER, S.; SILVA, G. Overt vs. null direct objects in spoken Brazilian Portuguese: a semantic/pragmatic account. **HISPANIA** v. 85 n. 3, p. 577-586, 2002. DOI: <https://doi.org/10.2307/4141147>

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

TARALLO, F. Preenchimentos em fronteiras de constituintes II: uma questão de variação interna, externa, ou um caso de variação individual? *In*: CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado, vol. III: as abordagens**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

TARALLO, F. Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese. *In*: GUY, G. *et al.* (ed.) **Towards a social science of language: papers in honor of William Labov**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.127.14tar>

Artigo recebido em: 26.04.2018

Artigo aprovado em: 21.05.2018